

## “Mas quem resistir até o fim será salvo” – Processo de criação de um roteiro de ficção<sup>1</sup>

Samuel Peregrino<sup>2</sup>

Ludielma Laurentino<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, GO

### RESUMO

O processo de produção do roteiro de ficção "Mas quem resistir até o fim será salvo", que após alguns tratamentos, está na versão final, orientada pela professora de roteiro da UEG, Ludielma Laurentino, a qual participou desde o início do processo, dando sugestões e possibilidades de melhoramento do mesmo.

Palavras-chave: **racionamento; pós-apocalipse; aquecimento.**

### 1 INTRODUÇÃO

É complexo definirmos quando começa o processo de criação de um roteiro de ficção. Geralmente, ele é desenvolvido a partir de uma experiência real ou uma imaginada hipótese. Interessante notarmos que os grandes roteiros de ficção começam, justamente, a partir de um acontecimento marcante na vida. Os desdobramentos das etapas da construção de um roteiro são muitos. Desde o famoso conceito da “jornada do herói” de Joseph Campbell, às noções dramatúrgicas de Aristóteles, a criação de uma peça de ficção de um roteiro, diferentemente da prosa literária, possui suas próprias características e estilo, o qual está relacionado ao conceito de *Storytelling*, termo que está vinculado ao da narrativa clássica, que significa a capacidade de contar histórias relevantes. No caso do roteiro, essa técnica, possui uma formatação específica, pois não é um produto final, mas sim, a primeira das várias etapas de uma obra audiovisual, neste caso, um possível filme de gênero de ficção científica.

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria CA05 modalidade Roteiro de ficção (avulso ou seriado).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 3º Ano, do Curso Cinema e Audiovisual, email: samuelperegrino@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Cinema e Audiovisual, email: ludielma@gmail.com.

## 2 OBJETIVO

Esse é o papel do roteirista, converter em imagens as ações descritas no papel. Em seus cursos de roteiro, Robert McKee ensina que a boa escrita nunca é de um para um, ou seja, você deve criar muito mais material do que vai usar para preencher a estória. A criatividade deve levá-lo a escrever dez, quinze, vinte eventos para uma escolha.

Através de orientações dirigidas, presenciais e pela internet com a professora Ludielma Laurentino, além de exposições em sala nas aulas de roteiro 2 e vasto material bibliográfico sobre o processo estrutural, pude desenvolver aos poucos uma melhor percepção sobre os aspectos distintos da peça literária do roteiro de ficção.

O roteiro deve ter exatamente aquilo que o público verá na tela do cinema. Na hora de escrever o roteiro, o olho do roteirista deve ser como o visor de uma câmera. “Ao organizar fábulas o poeta deveria, na medida do possível, proceder como se ela decorresse diante de seus olhos”. (Aristóteles – Arte Retórica e Arte Poética). Segundo Tchekov, o dramaturgo (no caso, o roteirista) deve traduzir com ações o estado de alma de seu personagem: “O melhor é evitar qualquer descrição de um estado de alma. É preciso tentar torná-lo compreensível pelas ações dos heróis” – Anton Tchekov. O roteirista não é responsável por escrever POSIÇÕES DE CÂMERA e terminologia detalhada de filmagem. Não é a tarefa do escritor. O trabalho do escritor é dizer ao diretor o que filmar, não como filmar” – (Syd Field; Manual do Roteiro) O roteirista pode dar sugestões, mas só quando for absolutamente indispensável, para não interferir no trabalho do diretor. O roteiro cinematográfico tem um código próprio, no entanto, em sua execução, o profissional deve respeitar as regras gramaticais do idioma em que está escrevendo, como, por exemplo, o uso de letra maiúscula no início de nomes próprios, pontuação, etc. No Brasil, muitos profissionais preferem não seguir regras. Nos Estados Unidos, a indústria cinematográfica exige uma padronização visual e técnica de roteiros.

### **3 JUSTIFICATIVA**

A ideia de escrever “Mas quem resistir até o fim será salvo” surgiu em 2014 com o surto de calor e o racionamento de água constante que os moradores de Goiânia tiveram que passar devido ao baixo fluxo nos reservatórios. Isso me fez imaginar essa história que se passa numa cidade fictícia, onde os problemas de racionamento de água, energia e comida de desdobram em consequências terríveis.

Tendo a premissa em mente, pude desenvolver a escrita através das técnicas aprendidas no curso de roteiro do curso de Cinema e Audiovisual da UEG, orientado pela professora Ludielma. Suas contribuições foram importantes para a formatação e noções de estrutura e construção dos personagens.

Desde a criação da escaleta, argumento, descrição psicológica dos personagens, sinopse e stoyline, o processo de criação foi intenso e após vários tratamentos, pude chegar ao resultado final. O objetivo agora é transformar o roteiro em uma obra cinematográfica, seguindo as etapas necessárias.

### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Depois da story line, da sinopse e das biografias de dos personagens foi o momento de pensar na estrutura. Alguns roteiristas fazem o seu planejamento em fichas 12 x 8 cm, mas este é só um exemplo do passo a passo da construção de um roteiro. Com o auxílio do computador, pude separar as sequências por cores, o que facilitou o trabalho.

De origem latina, *structura* significa “construir” ou “organizar e agrupar elementos diferentes”. A palavra pode ser definida também como o relacionamento entre as partes do todo. A história seria o todo e as partes que a compõem: ação, personagem, cenas, seqüências, Atos I, II, III, incidentes, obstáculos, episódios, eventos, música, locações, etc. O que dá unidade ao roteiro é o relacionamento entre estas partes. Assim como o esqueleto sustenta o corpo, a estrutura sustenta a história no lugar. O roteiro bem estruturado deve

observar as palavras de Aristóteles: “As partes devem estar de tal forma entrosada, que a suspensão ou o deslocamento de apenas uma, basta para que o conjunto fique modificado ou confundido”.

Os conhecimentos sobre formatação foram adquiridos em um material dado pelo roteirista inglês Hugo Moss, quando ele começou a dar aula, no Brasil. No início, as aulas eram presenciais, depois, pelo site <http://www.roteirista.com>. Hugo Moss sempre inicia seu material falando sobre a importância de um roteiro formatado de forma correta para se evitar problemas no set de filmagem. Uma formatação correta pressupõe profissionalismo, conhecimento, além de economizar o dinheiro do produtor, evitando erros para a produção e direção, por isso faz a maior diferença. Hugo Moss lançou pela editora Aeroplano, o livro Como Formatar o seu roteiro, um pequeno guia de Master Scenes, onde ele ensina o passo a passo da formatação de roteiros. Também existem no mercado programas para ajudar a trabalhar o roteiro. Eu encontrei nos sites a ferramenta Celtx, que utilizei para a formatação de “Mas quem resistir até o fim será salvo”.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O roteiro literário “Mas quem resistir até o fim será salvo” conta a história de Luiz e Layla numa manhã onde tentam encontrar comida e água numa cidade pós-apocalíptica com severo racionamento. Os habitantes transitam sem esperança em meio ao lixo espalhado nas ruas e carros em abandonados. A falta de energia, água e comida, leva os moradores à atitudes extremas como assaltar um caminhão de abastecimento de água ou atacar umas às outras em prol de comida, ou ainda pior.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Os percalços da construção do roteiro de ficção “Mas quem resistir até o fim será salvo” duraram pouco mais de dois anos, tempo em que adquiri aprimoramento através de oficinas, estudos, aulas e análises de diversos roteiros do gênero de ficção científica, para desenvolver uma história estruturada no que pode se chamar de estilo clássico baseado no método da *Storytelling*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques. *A Estética do Filme*. São Paulo: Papirus, 1995

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores)

BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BERTON, Paulo Ricardo. *O conceito de protagonista na obra dramática de Anton Thékhov*. Dissertação (mestrado), Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo, Editora Cultrix/Pensamento, 1995

CHION, Michel. *O Roteiro de Cinema*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

COMPARATO, Doc. *Da Criação ao Roteiro*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.

FIELD, Syd. *Manual do Roteiro*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

MCKEE, Robert – *Story*, Curitiba, Arte e Letra, 2006.

RODRIGUES, Chris. *O cinema e a produção*. Rio de Janeiro: Faperj, DP&A editora, 2002.